VI Semana de História do Pontal
Sociedade, Cultura, Patrimônio
25 A 28 DE SETEMBRO DE 2018
V Encontro de Ensino de História
ISSN 2179-5665

Sequência didática: os privilégios binários e a hierarquia dos gêneros nas grandes navegações

Alisson dos Santos Antunes
Bolsista PET História

Astrogildo Fernandes Silva Júnior
Professor do Curso de História ICH/UFU

Em 2016 iniciei a graduação em História na Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Pontal. Nesse contexto a temática gênero e sexualidade despertou meu interesse, motivando as escolhas de disciplinas optativas que auxiliassem aprofundar sobre tais questões. Na disciplina de Pluralidade e Diversidade Cultural no Ensino de História, realizei um trabalho, que possibilitou reflexões sobre o material "Brasil sem homofobia"[1]. Nessa coletânea, composta por diferentes artigos, levantou-me indagações sobre o motivo do silenciamento no Ensino de História ao se debater gênero, principalmente nos anos finais do ensino fundamental.

Em meio essas indagações percebo a necessidade de que a História em situação escolar aborde questões referente a gêneros no ensino fundamental. Considero ser um assunto relevante na formação das crianças, adolescentes e jovens. É recorrente narrativas que defendem o silenciamento do gênero com crianças. Entretanto, discussões sobre gênero sempre estivem presentes no cotidiano escolar de forma institucionalizada, reafirmando um padrão construído e concebido como normativo, como no caso da heterossexualidade. Sendo nítido literaturas de infanto-juvenil, com histórias de príncipes e princesas. Construindo uma normatividade de um padrão sexual aceito pela sociedade. A questão em jogo, não é abordar gênero, e sim, não reafirmar privilégios ditados por uma sociedade conservadora.

Em 2018 iniciei as atividades na disciplina Estágio Curricular Supervisionado. Esse componente curricular prevê aulas na universidade e observações e desenvolvimento de

[1] Brasil sem homofobia é um programa de combate a violência e a discriminação contra GLTB e de Promoção da Cidadania Homossexual (2004). O programa reuniu escritores que abordam questões de gênero no Ensino e organizaram uma matéria denominada Homofobia nas escolas: um problema de todos.

ISSN 2179-5665

regências em uma escola pública que ofereça os anos finais do ensino fundamental. O período de observações foi fundamental para conhecer os estudantes e como se relacionavam. Reforçou em mim, a necessidade de abordar questões relacionadas à gênero e sexualidade nas aulas de História. Para isso, produzimos e desenvolvemos uma sequência didática[2], na qual relacionamos o conteúdo histórico exigido no currículo escolar com questões que possibilitassem a problematização sobre gênero.

Dessa forma, nesse artigo, o objetivo em apresentar reflexões sobre o processo de observação do espaço escolar da produção e desenvolvimento da sequência didática realizada nas turmas do sétimo ano do ensino fundamental da Escola Municipal Machado de Assis, da cidade de Ituiutaba, MG, Brasil. O texto está organizado em três partes. Na primeira, registro alguns aspectos do cenário e sujeitos da pesquisa, ou seja, a Escola Municipal Machado de Assis. Na segunda a discussão nas aulas de Estagio Supervisionado. E na terceira como se desenvolveu a sequência didática e os critérios de avaliação.

O Cenário da investigação: a escola e os sujeitos

A escola Municipal Machado de Assis, de educação infantil e ensino fundamental localiza-se na rua 26, número 2047, bairro centro, município de Ituiutaba-MG. Fundada no ano de 1975 a escola hoje atende um público de 1000 alunos por período, sendo eles manhã e tarde.

Em suma, os alunos que estudam na escola Machado de Assis moram em bairros afastados, sendo necessário que os responsáveis levem os mesmo de carros ou contrate serviços de van escolar, a escola encontra geograficamente bem localizada, próxima do centro. Nas conversas informais com os alunos do sétimo ano, foi possível perceber que os seus responsáveis são funcionários públicos ou microempresários.

Para desenvolver a sequência didática acompanhei inicialmente as aulas da professora de história Daniela Borges. A mesma possui graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia. A professora é concursada pelo município e leciona na parte da manhã na escola Municipal Machado de Assis, na parte da tarde leciona na escola Estadual Antônio Souza Martins (polivalente) onde é efetivada pelo Estado.

[2] Denominamos sequência didática uma organização coerente de aulas para abordar determinados conteúdo. Procuramos desenvolver a sequência abordando os conhecimentos prévios dos estudantes, a partir daí apresentar uma narrativa histórica dialogada e por fim apresentarmos uma fonte para ser analisada.

ISSN 2179-5665

A professora Daniela, sempre se demonstrou aberta para trabalhar com temas travessais, em suas aulas chamava a turma de "pessoas", não de alunos e alunas, uma forma de não hierarquizar os gêneros e respeita a fluidez do mesmo. Portanto, vejo válido ressaltar que obtive o apoio da professora da turma para desenvolver a temática que é tabuas na área do Ensino.

O Estágio Curricular Supervisionado na Universidade: temas abordados

Um tema recorrente que perpassou as discussões nas aulas ao longo do Estágio Curricular Supervisionado I foi sobre o conceito de multiculturalismo e a polissemia do termo. Entre as várias formas de multiculturalismo me filio a perspectiva do multiculturalismo critico revolucionário, que busca compreender e problematizar a formação de uma sociedade hibrida que privilegia determinados grupos e consequentemente acaba subalternizando outros. Como no caso privilegia o gênero masculino e subalterniza o feminino e exclui tudo que foge do masculino e feminino como no caso do gênero neutro.

Para o multiculturalismo crítico revolucionário, é imperativo problematizar a representação de raça, classe e gênero que é formado por meio a lutas e empasses políticos. Peter McLaren, disserta sobre a construção da condição branca, que é vista como uma raça normativa sem o questionamento de seus privilégios:

> Aos brancos, afinal, ainda são concedidos os privilégios de ser branco, mesmo que renunciem ideologicamente a tal condição, muitas vezes com a melhor das intenções. O potencial para condição não-branca e a luta antibranca ainda é muito importante para ser ignorado ou deixado de lado, como se fosse pensamento veleitário, ou associado a uma forma de mudança de código simplesmente na moda. (MCLAREN, 2000, p.273.)

Conforme mencionado anteriormente o processo de construção histórico e os embates políticos, criou um direcionado de parâmetros que são aceitos pela sociedade brasileira sem questionamento. Não há o questionamento no que tange o homem cis, branco, heterossexual e cristão. Esse paramento é considerado aceito e deste modo, torna-se normativo. O que foge dessa perspectiva é o indivíduo considerado diferente. Para McLaren deve-se questionar essa condição branca.

Essa discussão auxiliou o olhar na observação do espaço escolar, por meio da tentativa de compreender as pluralidades e as diferenças étnica, religiosa, sexual e social dos estudantes.

ISSN 2179-5665

Desse modo, cria-se uma indagação: o que trabalhar dentro de uma sala de aula multicultural? O conteúdo a ser ensinado e aprendido dentro das escolas, não pode estar separado da realidade dos discentes. É importante que as instituições de ensino trabalhem a igualdade compreendendo a diferença. Guimarães (2007), disserta que muitos professores não reconhecem a diferença dentro das salas de aulas, utilizam o discurso que todos os alunos são iguais. No entanto, "A escola se apresenta como um espaço de acolhimento, inclusão, respeito, de "resgaste" (palavra bastante utilizada) de identidades e culturas múltiplas." (GUIMARÃES, 2007, p.45).

Ao referir sobre o espaço escolar é importante a compreensão do que o mesmo é um reflexo de uma sociedade multicultural. Ao pensarmos o currículo a ser abordado, considero ser necessário que todas as expressões culturais sejam representadas. Que não haja apenas discussões que reconhecem a diversidade. Mas, que possamos por meio da educação compreender que a sociedade é composta por indivíduos diferentes. E, sendo papel dos profissionais da educação, o auxílio na mediação do processo de respeito e diálogo com as diferentes identidades.

Além de questões referentes a multiculturalidade empreendemos um olhar sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento aprovado em 2017 que está sendo, aos poucos, colocado em prática nas escolas brasileiras. O documento aborda, ainda de forma tímida, questões referentes a multiculturalidade que marca a sociedade. Precisamos muito avançar no debate sobre as múltiplas identidades entendendo que os europeus, os africanos e os povos nativos influenciaram e contribuem para a construção de uma sociedade multicultural sendo necessário visar as diferenças e como respeitar o outro.

O indivíduo perante a essa sociedade multicultural, pode assumir inúmeras identidades, dependo do contexto que o mesmo se encontra. De acordo com Silva (2000), identificar-se está interligado com assumir que há o diferente. "As afirmações sobre diferenças também dependem de uma cadeia, em geral oculta, de declarações sobre (outras) identidades. Assim como identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis". (SILVA, 2000, p.75)

Em razão de uma sociedade heterogênea, cria-se a necessidade do posicionamento perante as identidades. O fato de identifica-se como homossexual, significa que o mesmo não se vê como heterossexual. O processo de identificação acaba assumindo que há o diferente. Se o

ISSN 2179-5665

indivíduo se identifica como brasileiro é uma ação política de não se identificar perante a sociedade heterogênico como espanhol, mexicano, argentino, entre outras nacionalidades.

Entre essas identidades vejo necessário a reflexão que no Brasil há homens cis, mulheres cis, transexuais, gênero neutro, entre outras identidades de gênero. Sendo valido a formação crítica dos discentes a compreensão da existência do outro, e as relações de poderes entre os gêneros. Na continuação do texto apresentamos o processo de produção e desenvolvimento na sequência didática.

Grandes Navegações e a hierarquia dos gêneros

A elaboração da sequência didática foi fundamentada na BNCC . Atentei sobre o **7º** ano do ensino fundamental, em razão da sequência ter sido elaborado para discentes dessa faixa etária. No que tange às competências a serem desenvolvimentos, a BNCC posiciona com temas referentes a Idade Média, apresentando ao discentes os aparatos culturais da renascença, reforma e contrarreforma. Torna-se nítido a discussão sobre o Novo Mundo, juntamente com seu processo de exploração das Américas, e as contribuições dos aborígenes, por meio da compreensão de suas culturas e seus valores.

Conforme mencionando anteriormente é necessário que a disciplina de história cumpra um papel ativo na vida dos estudantes, deste modo, como processo de colonização está interligado com a identificação e o pertencimento a um determinado espaço geográfico.

Após analisar a BNCC conversei com a professora regente, que ministra aulas no sétimo ano do ensino fundamental da escola municipal Machado de Assis. A mesma determinou que a sequência didática abordasse a temática Grandes Navegações, dando seguimento no cronograma proposto pela escola. Nesse momento encontrei uma enorme incógnita: como trabalhar as discussões em Estágio Supervisionado I e construir uma sequência que tivesse as marcas de minhas identidades em uma temática extremante eurocêntrica?

Refletindo sobre essa questão, retomei o meu caderno de anotação onde continha que dos 30 alunos (as) do sétimo ano A, apenas 9 eram do gênero masculino, e mesmo nesse contexto ocorria a reprodução de falas de cunho machista e sexista. Outra questão que me deparei foi qual o papel do Ensino de História. A historiadora Selva Guimarães defende que a História só se torna útil para as discentes se a mesma contempla sua realidade social. Portanto,

ISSN 2179-5665

tornava-se válido trabalhar sobre como os privilégios do gênero masculino foram construídos ao longo de um processo histórico.

A princípio desenvolvi um texto em que abordava a construção de uma perspectiva binária que subdivide os gêneros. Em razão de viver em uma sociedade binária, acaba-se subdividindo atitudes consideradas propriamente masculinas e outras femininas. Guacira Lopes Louro, disserta que antes da formação dos Estados Nacionais, havia a concepção de um único sexo. Porém, o processo de formação dos Estados necessitou subdividir as funções sociais. As mulheres ficavam responsáveis por cuidar da casa e dos filhos, já os homens garantirem a segurança da Nação. Na divisão das funções sociais criou-se comportamentos que os gêneros femininos e masculinos deveriam desenvolver. As mulheres deveriam ser delicadas, meigas e sensíveis, contrapondo com os homens que deveriam ser rústicos, e não demostrar sentimentos.

O binarismo entre os gêneros é uma construção social que na infância são subdivido: brinquedos e brincadeiras; cores; roupas e assessórios destinados a um dos gêneros. As meninas brincam de bonecas e panelinhas, construindo o ideal que o gênero feminino é para cuidar do lar e das crianças. A menina ao chegar em uma determinada idade abandona as brincadeiras, a fim de demostrar uma maturidade. Para os meninos, são destinados brinquedos como bola de futebol, carrinhos e soldadinhos, construído o ideal que o gênero masculino dirige melhor do que as mulheres, que o lugar da mulher é “pilotando” o fogão. Contrapondo o que ocorre com as mulheres, o homem não abandona os seus brinquedos de infância, como no caso da bola de futebol. Conforme mencionando anteriormente o binarismo e a hierarquização dos gêneros é uma construção social, essa construção começa a ser formulado na infância das crianças. Ao falarmos sobre a educação de nível superior nota-se cursos predominantemente com ingressantes do sexo masculino. É valido ressaltar que os cursos que são em suma considerados masculino, são os cursos apontados com mais elitizados.

Dessa forma, compreende-se que o campo intelectual possui um caráter de privilégios ao gênero masculino. Se esse gráfico fosse produzido há séculos passados, o índicie de mulheres cursando ensino superior seria ainda mais baixo. Esses privilégios que o sexo masculino possui é fruto de uma construção histórica, que coloca o sexo feminino sendo inferior ao masculino. Ao observar os nomes dos grandes cientistas, revolucionários, artistas é possível notar uma predominância do sexo masculino. No que tange o campo intelectual dos séculos XV e XVI,

ISSN 2179-5665

observa-se teorias criada por homens. O motivo das teorias serem formuladas pelo gênero masculino é proveniente de uma longa construção de privilégios que se deu ao longo da história.

Considero importante ressaltar que dentro dos conjuntos atribuídos ao gênero masculino, o qual desempenhava um papel de forte e corajoso. Tendo como essas características o necessário para desbravar os mares e enfrentar os monstros marinhos. Sendo função da mulher esperar seu amado voltar para o lar e de preferência que este lar encontra-se arrumado e a mulher esteja pronta para servi-lo sexualmente.

Para concretizar o pensamento, levei duas caixas uma na cor roxa e outra na cor azul. Os discentes escreveram atitudes que consideravam propriamente do gênero masculino e feminino, em seguida colocaram os papeis nas respectivas caixas (não orientei qual caixa era para colocar os papeis do gênero feminino e do masculino). Nos momentos finais da aula lemos cada papel e discutimos se essas subdivisões não são uma construção histórica e errônea, apresentei uma nova caixa, essa por sua vez colorida representando que não há atitudes propriamente e exclusivamente do gênero masculino e feminino.

Após as discussões de gênero e sua relação com as grandes navegações, as aulas seguintes utilizei os mapas presentes nos materiais didáticas que são destruídos de forma gratuita pelo Estado. Afim, de apresentar as rotas para as Índias, e os conflitos no mar mediterrâneo. Além de debater a importância das especiarias na Idade Moderna. Sempre com a precaução de não esquecer as questões de gênero. Entretanto, nesse artigo, não aprofundarei sobre as metodologias de ensino utilizadas nas demais aulas.

A escola Municipal Machado de Assis, adota como forma de avaliação obrigatória a aplicabilidade de duas provas (bimestral e semestral). Uma mesma prova para todas as salas. As professoras de História entraram em acordo que essas provas fossem de múltipla escolha, facilitando a correção das atividades. Afim, de contribuir no desenvolvimento críticos e argumentativo dos discentes, propusemos a realização de uma produção textual, com objetivo de sintetizas e sistematizar o conhecimento referente as grandes navegações. A proposta era produzir um texto com no mínimo 20 linhas, estipulei uma quantidade mínima para incentivar a escrita. Dos 87 discentes que realizaram a atividade 4 não conseguiram escrever a quantidade mínima. E outros 3 alunos apresentaram a atividade em branco, em função dos mesmos não terem participado das aulas. Pois, estavam em jogos esportivos promovidos pela escola.

ISSN 2179-5665

Ressalto, a seguir, algumas respostas dos discentes dos sétimos anos[3]:

> O privileio de ser homem e de criança ate ficar adulto podir brincar de bola e as mulheres não poder brincar de boneca ate cuando aduldas que o homem não presiza demorar tranto quanto as mulheres e so colocar qualquer roupa e pranto e as mulhres ter que passsar maquiagi e demorar por isso que o homem tem muitos privilegio para entrar na facudadi muitos deles que mais as mulheres são poucas. (...). (discente X)

O discente X é um aluno que possui dificuldades em acompanhar a turma, o mesmo é repetente e corre o risco de não concluir novamente o sétimo ano. É nítido a dificuldade que o discente possui na ortografia. Porém, vejo extremamente valido a reflexão que o mesmo teve sobre as diferenças entre os gêneros e sua hierarquização, o exemplo de que o sexo feminino necessita atender uma demanda estética imposta de forma gritante, é fruto de uma autorreflexão das aulas, visto que os exemplos acima não foram abordados nas discussões em sala.

> Título: Os meus privilégios de ser homem
> Só pelo motivo de ser branco, cristão e heterosexual eu tenho muito mais privilégios do que uma pessoa, homosexual, negra, budista, mulher. Nos homens desde muito tempo atrás os homens se acham melhor que as mulheres, mas isso é errado minha irmã ate faz engenharia é a melhor aluna da turma, mulher pode fazer o que quiser. (...) (discente Y)

A resposta do aluno Y exemplifica a importância de trabalhar gênero no ensino, em razão que a escola não pode ser um espaço que não dialoga com a realidade do estudo. O discente Y consegue analisar como essa discussão está interligado com sua vida pessoa e de sua família

> (...) Por causa disso as mulheres não tinha "capacidade" para navegar como tinha muito perigo no mar as mulheres não eram muito "corajosa" para enfrentar então ela ficava em casa cuidando dos filhos. Se fosse hoje teria mais mulher pois ela é sim corajosa (..,) (discente Z)

Na resposta da aluna Z é nítido a comparação do passado com o presente, desta forma caracterizando em uma história viva e que se relaciona com o presente. Desta forma, retirando a concepção de uma ciência que não possui correlação com os discentes.

[3] Optei por manter a ortografia dos estudantes, porém sem identificar o mesmo.

ISSN 2179-5665

Após realizar a atividade, a professora Daniela orientou-me a avaliar as atividades e atribuísse notas de 0 a 3. Partindo da concepção que a atividade possuía um caráter avaliativo em que a turma não estava habituada a desenvolver, atribui 0,5 pontos a todos (as) que tentaram realizar a produção textual. Entretanto, para o desenvolvimento do texto foi permitido que os discentes consultassem as suas anotações e os materiais didáticos. Para os (as) alunos (as) que reproduziram trechos dos materiais didáticas, receberam em suas avaliações o valor 1,0. Já os textos que possuíssem uma interpretação das matérias didáticas juntamente com as aulas que desenvolvi, deste modo, produzissem textos autorais foram designadas notas de 1,5 a 3,0. Para obter nota três era necessário que os textos abordassem os seguintes eixos: relação de poder entre os gêneros no século XXI e século XVI; rotas marítimas; conflitos no mar mediterrâneo; monstros marinhos; e a importância das especiarias no século XVI. Os critérios de avalição foram escritos no quadro negro, antes da realização da atividade. Em suma os discentes conseguiram desenvolver de forma positiva a atividade proposta. Tendo como média 2,0 os discentes do 7ºA, 7ºC a média da turma foi de 1,5, e os alunos do 7ºE tiveram a média de 2,5.

Deste modo, conclui-se que independe do conteúdo a ser desenvolvido é possível apresentar discussões referente as relações de poder presente entre os gêneros. Sendo função dos profissionais da educação fazerem a mediação dos conteúdos a serem lecionados, visando ir além do que está presente no currículo prescrito. Não se pode colocar tabus em debater de forma sistematizada as questões referentes aos gêneros. É necessário o cuidado de não normatizar e privilegiar quaisquer relações entre o gênero.

Algumas considerações

A experiência efetivada ao longo da disciplina Estágio Curricular Supervisionado possibilitou o contato mais próximo com o meu futuro campo de trabalho. Pude estabelecer relações entre teoria e prática. Aprendi que o saber escolar é um saber que se diferencia do saber acadêmico e que não se limita a uma transposição didática. O espaço escolar é um espaço de aprendizado, diálogos, em que é possível desenvolver um diálogo intercultural e assim, contribuir para uma formação crítica de crianças e jovens. O papel do professor, em particular de História, é dialogar com os saberes escolares com as diferentes realidades vividas pelos

ISSN 2179-5665

diferentes sujeitos que estão frequentes no espaço escolar. Assim, a História pode estabelecer relações com a vida prática e evidenciar para os estudantes as marcas do passado no presente.

Referências

CANDAU, Vera Maria. Educação Intercultural: entre afirmações e desafios. In: MOREIRA, Antonio Flávio, CANDAU, Vera Maria (Orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Homofobia nas escolas: um problema de todos**.. Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília, DF: MEC/Unesco, 2009, p. 13-455.

LOURO, Guacira Lopes. Heteronormatividade e homofobia. In: JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação:** problematizações sobre a homofobia nas escolas. Brasília: MEC/Unesco, 2009.p. 85-95.

MACEDO, Elizabeth**. Base Nacional Curricular Comum: Novas formas de sociabilidade produzindo sentidos para Educação**. *Revista e-Curriculum*, São Paulo, v. 12, n. 3, p. 1.530-1.555, out./dez. 2014.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Revolucionário** – Pedagogia do dissenso para o novo milênio. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000.

SILVA JÚNIOR, Astrogildo Fernandes. BNCC, componentes curriculares de história: perspectivas de superação do eurocentrismo. ***EccoS,*** São Paulo, n. 41, p. 91-106. set/dez. 2016.

SILVA, Marcos; GUIMARÃES, Selva. **Ensinar história no século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas, SP: Papirus, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000